

CLIVADAS É QUE À LUZ DA CARTOGRAFIA SINTÁTICA É QUE-CLEFTS IN THE LIGHT OF SYNTACTIC CARTOGRAPHY

Damaris Matias Silveira¹

RESUMO

Estruturas clivadas são sentenças utilizadas para focalizar elementos sintáticos através de movimento não argumental e de itens focalizadores, como a cópula e o complementizador *que*. O português brasileiro (PB) dispõe de clivadas canônicas, que apresentam a sequência linear “cópula+foco+que+IP”. Entretanto, a literatura menciona a existência das chamadas “clivadas invertidas”, que apresentam o foco em posição inicial. Com base no Programa Cartográfico, que concebe os elementos sintáticos como objetos complexos e hierarquicamente organizados, propomos uma análise para essas construções, as quais chamaremos de “Clivadas *é que*”, uma vez que não a consideramos uma versão invertida das clivadas canônicas, mas uma estrutura independente em que a cópula e o complementizador figuram como itens funcionais.

PALAVRAS-CHAVE: Clivadas. Cartografia. Periferia esquerda.

ABSTRACT

Clefts are sentences used to focus syntactic elements through A-bar movement and focusing items, such as the copula and the complementizer *que*. Brazilian Portuguese (BP) has canonical clefts, which have the linear sequence “cópula+foco+que+IP”. However, the literature mentions the existence of the so-called “inverted clefts”, which present the focus in the initial position. Based on the Cartographic Program, which conceives syntactic elements as complex and hierarchically organized objects, we will propose an analysis for these constructions, which we will call “Clivadas-*é que*”, since we will not consider it an inverted version of the canonical clefts, but an independent structure, being that the copula and the complementizer appear as functional items.

KEYWORDS: Clefts. Cartography. Left periphery.

1. Introdução

Sentenças clivadas são estratégias de focalização estreita, caracterizadas linearmente pela sequência “verbo SER+foco+que+IP”. A estrutura apresenta elementos designados para salientar constituintes sintáticos, a cópula e o complementizador, bem como o movimento A-barrado do foco para uma posição marcada:

- (1) Foi **a Maria** que bebeu o vinho.

A construção focalizadora acima é comumente conhecida na literatura como *Clivada Canônica*, e pode ter mera interpretação informacional ou veicular contraste. Além disso, é assumido em alguns

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), damaris.silveira@ufsc.br, <https://orcid.org/0000-0002-5264-9202>.

estudos (cf. Modesto, 2001) que tais sentenças apresentam uma versão invertida, na qual o foco aparece em primeira posição, como resultado de um movimento adicional para a periferia esquerda da sentença, veiculando, necessariamente, a interpretação contrastiva:

- (2) **A MARIA** é que bebeu o vinho (não a Joana).

Neste artigo, entretanto, não consideramos que sentenças como (2) derivem de clivadas canônicas. Consequentemente, não utilizaremos a nomenclatura *Clivada Invertida*. Uma vez que consideraremos que (2) não é gerada por movimento adicional a partir de (1), mas que ambas configuram construções distintas, sendo que (1) teria uma estrutura bioracional, na qual a cópula funciona como um verbo, e (2) seria uma sentença mono-oracional, derivada a partir da gramaticalização de *é que*, em que a cópula e o complementizador, formam um único elemento, com a função de focalizar constituintes.

Partiremos da abordagem da cartografia sintática (Cinque; Rizzi, 2010), na qual os sintagmas são concebidos como objetos complexos, em especial, dos pressupostos advindos a partir de Rizzi (1997), que fornece uma descrição detalhada da estrutura da periferia esquerda das sentenças, onde elementos como foco são alojados.

2. Pressupostos teórico-metodológicos: a Cartografia Sintática

Embora tenha sido iniciada por Chomsky (1986), quando o autor estendeu as construções sintáticas para as camadas funcionais IP e CP, a sintaxe cartográfica ganhou mais expressividade nos anos 1990, com os estudos de Luigi Rizzi e Guglielmo Cinque. O programa cartográfico concebe as estruturas sintáticas como objetos complexos, em que os sintagmas são representados de maneira mais rica e o mais detalhadamente possível.

Dentro dessa abordagem, a camada sentencial que aqui nos interessa é o sistema CP, uma vez que assumimos, à esteira de Modesto (2001), que a clivagem é uma operação sintática que envolve o movimento do constituinte focalizado para uma posição não argumental. Ao realizar tal movimento, também chamado de A-barra (A'), o foco se desloca para uma posição na periferia esquerda (CP) da sentença, no caso das clivadas *é que*, ou para a periferia da subordinada, no caso das canônicas.

A proposta cartográfica de Rizzi (1997) para o CP sugere um sistema articulado que contém projeções específicas para elementos que estabelecem diferentes relações com o discurso. Entretanto, as evidências iniciais para uma estrutura hierárquica da periferia esquerda surgem a partir dos estudos de Cinque (1990) que, ao analisar o comportamento dos complementizadores *che* (declarativo) e *di* (infinitivo) no italiano, observou que o primeiro precede o tópico, enquanto o segundo necessariamente o segue:

- (3) a. Ho deciso che, la macchina, la comprerò quest'anno.
(Eu decidi que, o carro, o comprarei este ano.)
- b. Ho deciso, la macchina, di comprarla quest'anno.
(“Eu decidi, o carro, de comprá-lo este ano.”)

Nesse caso, se os diferentes complementizadores, *che* e *di*, ocupam necessariamente a posição anterior e posterior ao tópico, deve existir mais de uma projeção destinada a esses elementos, bem como uma hierarquia na estrutura. Considerando a evidência apontada por Cinque, Rizzi (1997) propõe que o complementizador *che* ocupa a posição mais alta dentro de CP, a projeção ForceP, que expressa, por exemplo, se uma sentença é declarativa, exclamativa, subordinada (relativa ou completiva) ou interrogativa. Já o complementizador *di*, ocuparia a posição mais baixa de CP, FinP, que fecharia a periferia esquerda, apresentando informações de finitude. Essa configuração seria justificada pelo fato de *che*, enquanto complementizador declarativo, indicar uma subordinada completiva, veiculando especificação de força, preenchendo ForceP. *Di*, por sua vez, introduz sentenças infinitivas, portanto, é responsável por especificar finitude, e ocupa a projeção FinP. Teríamos, a priori, a seguinte hierarquia para os complementizadores e para o tópico:

$$(4) \quad [_{\text{Force}} \text{che} \dots [_{\text{Top}} \dots [_{\text{Fin}} \text{di}$$

Já o foco pode aparecer tanto antes quanto depois do tópico. Além disso, o constituinte pode aparecer entre tópicos, considerando que estes são recursivos e podem aparecer mais de uma vez na sentença²(Rizzi, 1997, p. 295 - 296):

- (5) a. Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire.
 C Top Foc Top IP
 (Acredito que, para João, ISTO, amanhã, a ele devemos dizer.)
- b. Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire.
 C Top Foc Top IP
 (Acredito que, amanhã, ISTO, para João, a ele devemos dizer.)
- c. Credo che domani, a Gianni, QUESTO gli dovremmo dire.
 C Top Top Foc IP
 (Acredito que, amanhã, para João, ISTO a ele devemos dizer.)
- d. Credo che a Gianni, domani, QUESTO gli dovremmo dire.
 C Top Top Foc IP
 (Acredito que, para João, amanhã, ISTO a ele devemos dizer.)
- e. Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire.
 C Foc Top Top IP
 (Acredito que ISTO, para João, amanhã, a ele devemos dizer.)

² Ressalta-se que a referida recursividade já foi questionada por autores com Frascarelli e Hinterhölzl (2007), relativizando-a a depender do tipo de tópico.

f. Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire.

C Foc Top Top IP

(Acredito que ISTO, amanhã, para João, a ele devemos dizer.)

Com base nos dados acima, Rizzi sugere que o CP é composto pelo já mencionado sistema Force-Fin, projeções que, respectivamente, encabeçam e fecham a periferia esquerda da sentença, e pelo sistema Tópico-Foco, que estaria alojado entre aquelas projeções. Considerando que o foco situado na periferia esquerda da sentença é contrastivo e, por sua vez, não recursivo, bem como que a sentença pode conter mais de um tópico, Rizzi sugere a seguinte estrutura para o sistema CP:

(6) [ForceP [TopP* [FocP [TopP* [FinP]]]]]

Mais adiante, tal proposta é revisitada, com a inserção da projeção Int na periferia esquerda da sentença matriz, destinada a alojar complementizadores interrogativos, como *se*, do português (cf. Rizzi, 2001; 2004, Rizzi; Bocci, 2017). Para o autor, esse complementizador difere dos anteriores, que ocupam Force e Fin, pois pode ser tanto precedido quanto seguido por um tópico (Rizzi; Bocci, 2017, p. 5):

(7) Mi domando, a mio figlio, se, la macchina, gliela compreremo quest'anno.

Top Int Top

(“Me pergunto, a meu filho, se, o carro, compraremos para ele este ano”.)

Embora o complementizador interrogativo possa co-ocorrer com o foco, ele precisa necessariamente ser seguido por ele (p. 5):

(8) Mi domando se LA MACHINA/*LA MACCHINA se gli potremmo regalare (non la moto).

Int Foc Foc Int

(“Me pergunto se O CARRO/*O CARRO se devemos dar para ele” (não a moto).)

Com a inserção de Int na estrutura de CP, chega-se à seguinte representação da periferia esquerda das orações matrizes:

(9) [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Fin [IP...]]]]]]]]]

Ao considerarmos a estrutura proposta acima, assumimos que o foco das clivadas *é que* se move para a posição de especificador de FocP. Apresentaremos evidências para postulamos que, a cópula e o complementizador, formam um item único, que funciona como operador de foco, ocupando a posição Foc^o.

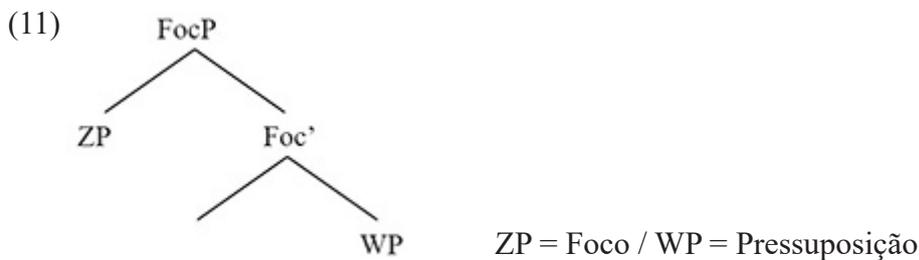
2.1. A projeção FocP

O foco é o constituinte que carrega a informação nova na sentença. Seja a construção clivada ou não, o elemento tem maior ênfase na estrutura e recebe o acento frasal:

(10) A MARIA bebeu o vinho (não a Joana).

A sentença não clivada acima, apresenta como foco o constituinte *A MARIA*, que é prosodicamente mais proeminente. O restante da sentença é a pressuposição frasal, ou seja, o conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte no discurso.

À esteira de Rizzi, assumimos que a articulação entre foco e pressuposição pode ser representada à luz do esquema X-barra, de modo que o constituinte focalizado esteja em configuração Spec-núcleo com Foc, pois é atraído por ele para o especificador da projeção e deve ser interpretado pelos sistemas de interface como foco. Já o complemento do núcleo Foc deve ser interpretado por esses sistemas como a pressuposição sentencial (Rizzi, 1997, p. 287):



A configuração acima obedece ao critério foco (cf. Miotto, 2001), que prediz que: (i) Um operador [Foc] deve estar em configuração Spec-núcleo com um núcleo [+Foc] e (ii) Um núcleo [+Foc] deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador [Foc]. As premissas acima preveem que um núcleo focal necessita de um sintagma em seu especificador para que a configuração de (11) seja licenciada. Assim, o critério foco é satisfeito a partir do movimento de um determinado constituinte a ser focalizado para a posição de especificador de FocP. Para Rizzi (1997 e trabalhos posteriores), o núcleo Foc possui a função de atrair sintagmas para seu especificador, bem como fornecer instruções interpretativas para os sistemas de interface. A projeção com a qual o constituinte focalizado estabelece relação Spec-núcleo (Foc^o) não necessariamente deve estar fonologicamente realizada.

Entretanto, de acordo com Rizzi (1997, 2013), o estabelecimento de uma abordagem sistemática a categorias funcionais, como Foc, é plausível através de dados de línguas que manifestam realização fonológica de partículas funcionais. O gungbe, por exemplo, falado no oeste africano, possui o núcleo Foc preenchido pela partícula focalizadora *wè*, como na sentença (12), analisada por Rizzi (2013) nas linhas de Aboh (2004), na qual o foco encontra-se adjacente à partícula (tradução minha):

(12) Ûn sè [dò [dàn ló wè [Kòfí hù ___]]]
 Eu ouvi que cobra artigo def. FOC Kòfí matou
 (Eu ouvi que A COBRA_{Foc} Kòfí matou.)

A projeção focal que está localizada na periferia esquerda da sentença, veicula, ainda de acordo com Rizzi, informação contrastiva, o que é evidenciado pela inadequação de frases com constituinte focalizado deslocado à esquerda como respostas a interrogativas Wh - que requerem como resposta sentenças com foco informacional -, sendo mais bem aceitas como correção a uma afirmação anterior:

- (13) a. Quem bebeu o vinho?
b. #A MARIA bebeu o vinho.
- (14) a. A JOANA bebeu o vinho.
b. Não! A MARIA bebeu o vinho.

No caso das clivadas *é que*, que apresentam foco deslocado à esquerda, o mesmo é verificado.

- (15) a. Quem bebeu o vinho?
b. # A MARIA *é que* bebeu o vinho.
- (16) a. A Joana bebeu o vinho.
b. Não! A MARIA *é que* bebeu o vinho.

O mesmo não é observado em clivadas canônicas:

- (17) a. Quem bebeu o vinho?
b. Foi a Maria que bebeu o vinho.
- (18) a. A Joana bebeu o vinho.
b. Não! Foi A MARIA que bebeu o vinho.

A aceitabilidade de (17b) e (18b) reside na possibilidade de clivadas canônicas veicularem tanto foco contrastivo quanto informacional. Já as clivadas *é que* sempre indicam contraste, o que torna plausível a assunção de que o foco dessas construções está alojado na periferia esquerda da sentença, manifestando a articulação proposta em (11). Nas seções seguintes, propomos também que a estrutura cristalizada *é que* funciona como operador de foco (Foc^o), atraindo o constituinte focal para seu especificador, movimento que deve ocorrer na sintaxe visível.

3. O estatuto da cópula e as divergências formais entre os tipos de clivadas

As clivadas *é que*, como já mencionado, comumente apresentam cópula invariável, ou seja, não estariam em uma relação de concordância com o foco, tampouco harmonia temporal com o verbo da oração encaixada. O panorama não seria o mesmo com relação às clivadas canônicas, que, por sua vez, apresentam mais convergências formais com outros elementos da sentença.

No caso da concordância entre a cópula e o foco, Krug de Assis (2001) aponta que esta é verificada nas clivadas canônicas quando o constituinte clivado é o sujeito da oração encaixada (p. 46):

- (19) a. São estes meninos que brincam com os macacos.
 b. *? É estes meninos que brincam com os macacos.³

Por outro lado, segundo a autora, esse cenário mudaria quando a clivada não apresenta foco no sujeito. Quando há concordância entre a cópula e o constituinte clivado, a sentença seria agramatical, mas quando a concordância não é verificada, a sentença é bem aceita (p.47):

- (20) a. *?São estes meninos que a Maria leva ao zoo.⁴
 b. É estes meninos que a Maria leva ao zoo.

Já no caso das clivadas de foco inicial, Krug de Assis aponta que não é desencadeada a concordância entre o constituinte clivado e a cópula (p. 47):

- (21) a. *?Estes meninos são que jogam bola.
 b. Estes meninos é que jogam bola.

No âmbito do tempo verbal, Krug de Assis afirma que as clivadas canônicas apresentam harmonia temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada (22) e que a desarmonia acarretaria agramaticalidade (23) (p. 47-48):

- (22) a. É o João que mora em Florianópolis.
 b. Foi o João que morou em Florianópolis.
 c. Era o João que morava em Florianópolis.
- (23) a. *Foi o João que mora em Florianópolis.
 b. *Foi o João que morava em Florianópolis.
 c. *Era o João que mora em Florianópolis.
 d. *Era o João que morou em Florianópolis.

Entretanto, se a cópula aparecer no presente, a desarmonia com o verbo da oração encaixada é aceitável, o que, de acordo com a autora, parece sugerir que o presente seria um tempo *default* (p. 48):

- (24) a. É o João que morou em Florianópolis.
 b. É o João que morava em Florianópolis.

Enquanto isso, as clivadas de foco inicial não apresentariam harmonia temporal, independentemente do tempo do verbo da sentença encaixada (p. 48):

³ Exemplos como esses são menos recorrentes em PB, porém ainda podem ser encontrados no registro oral.

⁴ É possível que sentenças como (20a) sejam menos aceitáveis em uma escala de gramaticalidade, entretanto, não as consideramos agramaticais.

- (25) a. O João *é que* trabalha na UFSC.
 b. O João *é que* trabalhou na UFSC.
 c. O João *é que* trabalhava na UFSC.
- (26) a. *O João *foi que* trabalhou na UFSC.
 b. *O João *era que* trabalhava na UFSC.⁵

Com isso, vemos que a cópula das clivadas invertidas tendem a aparecer na forma invariável *é*, o que figura como padrão nessas construções. Entretanto, discordamos, em partes, do panorama sugerido pela autora, uma vez que o português brasileiro licencia estruturas de clivagem com determinados aspectos da flexão verbal que são agramaticais na descrição acima. No que diz respeito ao padrão flexional das clivadas, em termos de concordância, assumimos que, de fato, a cópula comumente concorda com o constituinte clivado (25). Por outro lado, não consideramos como agramaticais as clivadas de objeto que apresentem esse mesmo padrão de concordância (26):

- (27) a. Sou eu *que* trabalho na UFSC.
 b. É ele *que* trabalha na UFSC.
 c. Somos nós *que* trabalhamos na UFSC.
 d. São eles *que* trabalham na UFSC.
- (28) a. Sou eu *que* a Maria ama.
 b. É ele *que* a Maria ama.
 c. Somos nós *que* a Maria ama.
 d. São eles *que* a Maria ama.

Além disso, há de se considerar que o português brasileiro apresenta outras possibilidades para a cópula, que pode não estar em relação de concordância com o foco da sentença, figurando na forma *é*, mesmo quando o constituinte clivado é o sujeito da estrutura argumental:

- (29) O valor *é* eles *que* sabem [...]. (O Globo, 2008)

A respeito de casos como (29), Silveira (2020) aponta que a ausência de concordância não estaria relacionada à clivagem ou ao estatuto da cópula enquanto focalizador, mas ao enfraquecimento do sistema flexional em algumas variedades do português brasileiro, uma vez que já são licenciados casos de verbos lexicais com flexão padrão de 3ª pessoa do singular e sujeitos apresentando outras propriedades formais em PB.

Acrescentamos que as clivadas canônicas podem apresentar os fenômenos de ausência de concordância e de ausência de harmonia temporal em separado. No exemplo em (29), não há

⁵ Embora menos frequentes, tais exemplos ainda podem ser licenciados em português brasileiro e em português europeu com algumas restrições (cf. Vercauteren, 2010; Silveira, 2020).

concordância entre a cópula e o foco, mas há harmonia temporal com o verbo subordinado. Porém, o PB também pode licenciar casos com concordância da cópula bem marcada em relação ao foco, ao mesmo tempo que apresenta ausência de convergência temporal com o verbo baixo:

(30) São eles que fizeram o acordo de delação em Nova York [...]. (Carvalho, 1010)

Casos em que a ausência de concordância e de harmonia temporal ocorrem concomitantemente também são licenciados em PB:

(31) Não é nós que fizemos o cruzeiro, o cruzeiro é que faz o jogador. (Twitter, 2017)

Partindo agora para as clivadas *é que*, sem dúvida, a forma padrão e preferida pelo falante é a cópula na forma *default* de terceira pessoa do singular, como aponta a autora. Casos de marcação de pessoa e número são agramaticais:

- (32) a. A Maria é que bebeu o vinho.
 b. *Eu sou que bebi o vinho.
 c. *Tu és que bebeste.
 d. *Nós somos que bebemos o vinho.
 e. *Eles são que beberam o vinho.

No caso da harmonia temporal da cópula em clivadas *é que* do português brasileiro, também assumimos que a forma *default* do presente do indicativo é a escolha padrão do falante. Entretanto, o panorama não é tão categórico, uma vez que o PB licencia, com menos frequência, casos de clivadas de foco inicial que concordam em tempo com o verbo baixo. Ainda assim, há restrições para certos tipos verbais. Se a clivada possuir um verbo baixo flexionado no futuro, por exemplo, a concordância da cópula resulta em agramaticalidade, enquanto o passado é mais aceitável nesses casos (cf. seção 6):

- (33) a. A Maria foi que bebeu o vinho.
 b. A Maria era que bebia o vinho.
 c. * A Maria será que beberá o vinho.

Considerando as divergências formais acima, é viável supor que os dois tipos de clivadas configurem construções distintas. Kato (2009) defende que clivadas canônicas e *é que* não possuem a mesma estrutura de base. Uma das evidências apontadas é a própria relação de concordância. Assim, de acordo com Kato, as clivadas *é que* não derivam das clivadas canônicas, mas das clivadas apresentativas, através do movimento do constituinte focalizado para a posição anterior a *é que* (Kato, 2009, p. 382):

- (34) a. É que [o ladrão levou o meu laptop]].
 b. [_{FP} [O ladrão]_i [é [_{CP} que [t_i levou o meu laptop]]]].

Entretanto, na proposta de Kato, a cópula das clivadas, mesmo em forma invariável, evidenciando sua natureza funcional, é representada como verbo, projetando estrutura argumental.

A associação entre clivadas *é que* e a clivada apresentativa, levando em consideração a inviabilidade da cópula, também é mencionada em Ambar (2005). Para a autora, as clivadas *é que* e as clivadas apresentativas são derivadas de uma mesma estrutura. O que diferencia essa proposta daquela sugerida por Kato é o constituinte que será movido para a periferia esquerda: nas clivadas apresentativas, há o movimento da cópula e do complementizador para FP, uma projeção focal, enquanto, nas clivadas *é que*, o foco se move para essa projeção e *é que* permanece em vP. Em ambos os casos, é que é uma estrutura cristalizada (Ambar, 2005, p. 119):

(35) $[_{FP} \text{ o João } [_{IP} [_{I'} [_{vP} \text{ é-que } [_{CP} [t_k [_{IP} t_i T_{ik} \text{ comprou o livro }]]]]]]]]]]$

A invariabilidade da cópula também é considerada em Lobo (2006) e Costa e Lobo (2009) e é o que nos motiva, neste estudo, a investigar se as clivadas que apresentam essa propriedade possuem a estrutura do verbo *ser*, visto que, nas clivadas *é que*, a cópula, que já não manifesta as mesmas propriedades de verbos lexicais, perde mais uma característica que a aproxima de um verbo, que são as convergências formais com elementos sentenciais.

4. Verbo SER como item funcional: evidências para estrutura mono-oracional

Assumimos, neste estudo, que clivadas *é que* são estruturas mono-oracionais, considerando algumas evidências apontadas por Lobo (2006) e Costa e Lobo (2009). Os autores indicam que a cópula e o complementizador formam uma estrutura cristalizada e inseparável. Assim, juntamente com a inviabilidade daquela, tais propostas apontam que não é possível que um elemento intervenha entre *é* e *que*:

(36) *A MARIA **é realmente que** bebeu o vinho;

Além disso, acreditamos que, se a cópula invariável, juntamente com o complementizador a ela incorporado, lexicaliza uma posição alta na periferia esquerda, não se movendo, mas sendo lá gerada, ela configura um item funcional que, provavelmente, possui função focalizadora. Assim, não há motivação para ser postulada uma estrutura argumental para ela.

No que diz respeito às propriedades apontadas pelos autores acima, como a convergência do foco com a posição vazia na estrutura argumental em termos de funções gramaticais e a não restrição à focalização de certas categorias (DP, PP, AdvP, etc.), concordamos que são, sem dúvida, fortes evidências para se postular que um constituinte está sendo movido de dentro de uma estrutura argumental para uma posição A-barra.

Por outro lado, não levaremos esses pontos em conta para nossa análise em favor de uma estrutura mono-oracional, pois tais propriedades não se restringem a clivadas *é que*. Clivadas

canônicas, que são bioracionais (cf. Silveira, 2020; 2021), também apresentam tais características. Costa e Lobo (2009) também apontam como argumento de que as clivadas *é que* são mono-oracionais a impossibilidade de clivagem de VPs:

(37) *Ir ao futebol no próximo Domingo é que eu não faço.

Os autores sugerem que, se as clivadas *é que* fossem bioracionais, sendo o VP clivado independente em uma estrutura de relativa livre, (37) deveria ser gramatical, já que o VP seria um antecedente possível para o relativo *que*. Entretanto, as orações simples que envolvem o movimento de constituintes para a periferia esquerda apresentam restrições ao deslocamento de determinados constituintes, como é o caso do movimento dos interrogativos, que não afeta VPs.

Entretanto, observamos que, embora a clivagem do VP em (37) configure uma sequência agramatical, isso não ocorre pela natureza do constituinte, mas porque as funções gramaticais do foco não são compatíveis com a posição vazia referente a ele na estrutura argumental como complemento de *fazer*, o que também ocorre com as clivadas canônicas. Observe que a contraparte não clivada de (37) já é agramatical antes da clivagem:

(38) *Eu não faço ir ao futebol no último domingo

Portanto, embora o exemplo em (37) reforce a assunção da derivação das clivadas por movimento do constituinte focalizado e da manutenção das funções gramaticais do foco, a clivagem de VPs em si não seria uma restrição em clivadas, uma vez que, se o foco for compatível com a posição vazia deixada na estrutura argumental, a clivagem de VPs é gramatical:

(39) Ir ao futebol no próximo Domingo é que eu não quero.

Ressaltamos que a clivagem de VPs como em (37) também não seria compatível com clivadas canônicas. Na verdade, as possibilidades focais em termos de tipos categoriais é o que aproxima as clivadas *é que* das canônicas e as diferencia das pseudoclivadas, que apresentam um elemento *wh* no lugar do complementizador, uma vez que os dois padrões de clivadas focalizam os mesmos tipos de constituintes sintáticos. Assim, embora concordemos com os autores acima no que diz respeito ao movimento do foco, o que nos motiva a defender que as clivadas *é que* apresentam uma estrutura mono-oracional são as evidências de que a cópula não é um verbo. Portanto, não projetaria um IP independente.

Paralelamente à ausência de flexão e à adjacência supracitada, acrescentamos mais uma evidência que reforça a assunção de que estamos diante de um item funcional: a impossibilidade de negação. Isso evidenciaria que ela está em uma posição alta na estrutura e não está figurando como um verbo de fato:

- (40) a. * A Maria não é que bebeu vinho.
b. A Maria é que não bebeu vinho.

Em (40), vemos que apenas o verbo baixo pode ser negado. Se a cópula figurasse como verbo, (40a) deveria ser gramatical, uma vez que nossa gramática não apresenta restrições para negação de cópulas verbais. A negação é possível apenas para a cópula das clivadas canônicas, que neste estudo é tratada como verbo, figurando dentro dos domínios flexionais. Nessas, tanto o verbo *ser* quanto o mais baixo podem ser negados (até mesmo concomitantemente):

- (41) a. Não foi a Maria que bebeu vinho.
b. Foi a Maria que não bebeu vinho.
c. Não foi a Maria que não bebeu vinho.

Se, nas clivadas canônicas, é possível realizar a negação das duas camadas da estrutura bipartida, no caso das clivadas *é que*, a única possibilidade é a negação da parte pressuposta. Isso é esperado, se assumirmos que estamos diante de uma estrutura que não apresenta uma divisão oracional, uma vez que possui apenas um verbo.

Outro ponto que acrescentamos, que evidencia a assimetria entre clivadas canônicas e *é que*, bem como a natureza mono-oracional das sentenças de foco inicial, envolve um dos testes de diagnose da altura de constituintes utilizados na cartografia sintática e está relacionado ao comportamento dessas estruturas na presença do advérbio *já*. Tescari Neto (2016) aponta que esse advérbio, que ocupa uma posição medial, considerando a hierarquia de Cinque (1999) na arquitetura de IP, seria um bom parâmetro para testar a posição do verbo. Comparando, então, PE e o PB, o autor verificou que, apenas no primeiro, o verbo pode ultrapassar o advérbio *já* – no PB, nem o verbo temático e nem os auxiliares podem realizar essa operação – como nos exemplos mencionados pelo autor (p. 94), obtidos em Modesto (2001, p. 27):

- (42) a. A Maria já não come nada, não deveria fazer dieta. (PB/PE)
b. A Maria não come já nada, não deveria fazer dieta. (*PB/PE)

No caso da cópula das clivadas canônicas, se aplicarmos o teste acima, esse mesmo limite é estabelecido, uma vez que o verbo *ser* também não pode ultrapassar o advérbio *já*:

- (43) a. Já foi a Maria que coordenou a equipe.
b. *Foi já a Maria que coordenou a equipe.

Já a cópula das clivadas *é que* aparece necessariamente acima do advérbio, o que indica que a cópula nos dois padrões de clivadas não ocupam a mesma posição na sentença, sendo a cópula das *é que* mais alta:

- (44) a. *A MARIA já é que coordena a equipe.
 b. A MARIA é que já coordena a equipe.

Aplicando o teste com o advérbio *já* com as sentenças focalizadoras, encontramos na metodologia cartográfica mais uma evidência de que as clivadas *é que* são estruturas mono-oracionais. Considerando que o referido advérbio marca a fronteira do verbo, a impossibilidade de o primeiro preceder a cópula indica que esta está para além dos domínios verbais, figurando como item funcional.

5. Uma proposta de estrutura para as clivadas *é que* no PB sob a ótica da cartografia sintática

Após estabelecer a assunção de que as clivadas *é que* são construções mono-oracionais, em que a cópula e o complementizador atuam como uma estrutura cristalizada funcional e focalizadora, resta-nos agora, considerando a expansão de CP, tratarmos da posição de *é que* e do foco na sentença. Se a cópula e o complementizador operam como itens funcionais que atuam na focalização de constituintes, é aceitável supor que eles estejam lexicalizando o núcleo do sintagma responsável pela interpretação de foco, que é FocP. A seguir, apresentamos algumas evidências a favor dessa hipótese:

a) Convergência com a abordagem criterial: Para além da invariabilidade e da adjacência entre tais elementos, acrescentamos também a convergência com o que aponta Kayne (2005) com o princípio *One feature, one head*. De acordo com esse princípio, temos um núcleo para cada traço. Se a cópula é um item funcional com a função de focalizar, é desejável supor que ela seja dotada do traço [+foc], assim como o complementizador. Defender que ambos estão em posições diferentes na estrutura é assumir que temos núcleos diferentes para expressar o mesmo traço. Assumimos, portanto, não que os dois itens, de maneira isolada, portem o traço para foco, mas que a estrutura cristalizada *é que* seja do tipo [+foc].

Nesse caso, *é que* estaria atuando de modo a tornar o núcleo Foc explícito, como ocorre nas línguas que apresentam morfemas de foco. Em convergência com a abordagem cartográfica e com o critério foco, a lexicalização de Foc^o exige que o constituinte focalizado ocorra na sintaxe visível. Isso estaria de acordo com o que já foi evidenciado por Miotto (2001) através de sentenças interrogativas. Nestas, o elemento Wh pode aparecer deslocado ou in situ, porém, na presença de *é que*, ele deve se mover obrigatoriamente para a posição imediatamente anterior:

- (45) a. A Maria bebeu **o quê**?
 b. **O que** a Maria bebeu?
- (46) a. *É que a Maria bebeu **o quê**?
 b. **O que** é que a Maria bebeu?

Considerando o traço [+foc], não haveria uma posição mais adequada para *é que* na periferia esquerda da sentença que não seja dentro da projeção que aloja o foco. Observamos que a adjacência entre o foco e *é que* são um indício de que tais elementos estão em configuração Spec-núcleo. Entretanto, para além da ordem, os exemplos abaixo evidenciam que o foco das clivadas *é que* está sujeito à mesma atração dos demais operadores para o especificador do núcleo com operador explícito:

- (47) a. O VINHO *é que* a Maria bebeu (e não a cerveja).
 b. **É que* a Maria bebeu O VINHO (e não a cerveja).

É importante salientar que (47b) é agramatical não na leitura de clivada apresentativa (Casteleiro, 1979), na qual todo o conteúdo sentencial que segue *é que* é o foco, mas dentro da interpretação de clivada de foco estreito, onde apenas *O VINHO* é a informação nova e contrastiva na sentença. Considerando, portanto, que, em (47), *é que* é a explicitação dos traços [+foc] do núcleo Foc^o, realização opcional em PB, o constituinte focalizado deve ser inevitavelmente alçado para Spec-FocP na sintaxe visível.

b) Convergência com a ordem rígida dentro de CP: A principal vantagem em se pensar em uma estrutura para as clivadas *é que* que considera essa hierarquia é que conseguimos dar conta da rigidez da ordem dos constituintes em relação ao foco e a *é que*. Primeiramente, a sugestão de que *é que* está alojado em Foc^o e o foco em seu especificador é compatível com a ordem de elementos discursivos em CP, como propõem Rizzi (1997 e trabalhos posteriores) e Rizzi e Bocci (2017). No exemplo abaixo, vemos que a estrutura aqui proposta converge com o sistema CP apresentado em tais estudos, o que fica evidente em uma sentença com a periferia esquerda crucialmente preenchida:

- (48) a. O João disse [_{ForceP} que [_{TopP} na sua empresa [_{FocP} A MARIA [_{Foc} *é que* [todos os dias [_{IP} lidera a equipe]]]]]].
 b. Pergunto-me [_{ForceP} [_{TopP} neste momento [_{IntP} se [_{TopP} na sua empresa [_{FocP} A MARIA [_{Foc} *é que* [todos os dias [_{IP} lidera a equipe]]]]]]]].

Além disso, há a possibilidade de clivadas *é que* subordinadas, ou seja, da coocorrência de *que* e *é que*. Essa abordagem também dá conta do que vemos em Lobo (2006), com relação à restrição às subordinadas adverbiais. De acordo com a autora, a sentença abaixo é agramatical em Português Europeu:

- (49) Se o João *é que* tocou à campainha, abre a porta. (PB/*PE)

A agramaticalidade acima é explicada pela autora pelo fato de não haver espaço para *é que* na estrutura, uma vez que C^o está ocupado pelo complementizador *se*. Entretanto, tal sentença figura como gramatical em português brasileiro. Se estivermos corretos na análise da cópula e do complementizador

como lexicalizadores do núcleo Foc^o, nossa proposta dá conta dessa gramaticalidade em PB. Se se configura um complementizador interrogativo que, dentro das propostas de CP, ocupa uma projeção específica, nada impede o alojamento de *é que* em Foc^o.

c) Adjacência entre foco e *é que*: Ao postularmos que, nas clivadas de foco inicial, os elementos *é* e *que* estão cristalizados na posição Foc^o, enquanto o foco da sentença se move para seu especificador, estamos assumindo adjacência necessária entre esses dois elementos. De fato, um item que intervenha entre foco e *é que* parece tornar a sentença agramatical:

(50) *A MARIA, ontem, é que bebeu vinho, e não a Joana.

A sequência linear acima parece ser mais aceitável caso o elemento que antecede a cópula, ou seja, o advérbio *ontem*, seja interpretado como o foco da sentença, enquanto o DP *A Maria* é o tópico:

(51) A Maria, ONTEM, é que bebeu vinho, e não hoje.

Ambar (2005), por outro lado, defende que essa adjacência é inexistente nas sentenças do PE. A autora, como vimos, propõe que o foco da sentença esteja alojado na projeção de foco (FP), enquanto *é que* se localiza em uma posição bem mais baixa, em vP. Para Ambar, uma evidência para isso seria a possibilidade de um item figurar entre o foco e a cópula. O exemplo apresentado pela autora traz um advérbio alto nessa posição (Ambar, 2005, p. 119):

(52) O João realmente é que sabe isso.

Em PB, à primeira vista e fora de contexto, parece haver uma maior aceitabilidade da interveniência entre o foco e a cópula, caso o item em questão corresponda a um advérbio alto:

(53) A Maria, com certeza, é que gosta de vinho.

Por outro lado, se inserimos (53) em um contexto contrastivo, interpretação comumente atribuída ao foco das clivadas *é que*, a posição entre o foco e a cópula não parece ser a mais adequada para a locução adverbial:

- (54) a. Todas as minhas irmãs adoram cerveja, mas a Joana gosta de vinho.
 b. ?? Não! A MARIA, com certeza, é que gosta de vinho, não a Joana.
 c. Não! Com certeza, A MARIA é que gosta de vinho, não a Joana.

É importante atentar para a entoação de (54b). Para que a interpretação contrastiva do DP seja recuperada, a leitura da sentença deve ocorrer de modo que o elemento prosodicamente mais proeminente seja *A MARIA*. A prosódia parece exercer papel sobre a (a)gramaticalidade desse exemplo e parece mostrar que, caso o acento frasal recaia sobre *com certeza*, a sentença será mais aceitável:

- (55) a. ?? A MARIA, com certeza, é que gosta de vinho.
 b. A Maria, COM CERTEZA, é que gosta de vinho.

Isso nos sugere que talvez *A Maria* não seja uma informação nova nesses casos, e sim um elemento já contido no contexto. Observe o excerto abaixo retirado da introdução a uma entrevista para um blog:

- (56) Sabe quando você se conecta com uma pessoa? Ela é um amor e me chama carinhosamente de “Diva” (risos), mas **ela com certeza é que é e deve ser exemplo para muitas outras profissionais da área.** (K. Carvalho, 2017)

Considerando o contexto em (56), vemos que o segmento destacado tem a mesma sequência de uma clivada *é que*. Entretanto, já sabemos que, nas clivadas, o XP deslocado, e somente ele, é o foco, a informação não partilhada da sentença, enquanto a camada que segue após os elementos focalizadores é a pressuposição. Isso não ocorre no contexto acima. No exemplo, o constituinte que deveria ser o foco, *ela*, já foi mencionado anteriormente no discurso, é uma informação partilhada (uma vez que é a pessoa entrevistada, sendo que o leitor já está ciente dessa configuração no título da postagem), enquanto a camada que deveria ser a pressuposição sentencial figura justamente como a informação nova da sentença, expressando um conteúdo informacional a respeito do constituinte que deveria ser o foco, mas ao qual se veicula uma informação nova nas três sentenças do trecho.

Ainda que haja um claro contraste entre *ela* e *eu* (a entrevistadora), também é evidente o estatuto de tópico do elemento contrastado, o que pode levar a algum tipo de alteração na estrutura sintática. A configuração do enunciado como um todo, que coloca *ela* como informação partilhada e assunto da entrevista, nos leva a não conceber (56) em paralelo com as clivadas contrastivas aqui estudadas, de modo que permanecemos assumindo a adjacência entre foco e cópula em clivadas *é que* ordinárias.

d) Ocorrência de clivadas *é que* dentro de estruturas de foco largo (Silveira, 2020): Construções de focalização como as clivadas compreendem uma informação nova e outra pressuposta e previamente partilhada entre os falantes. Entretanto, há casos em que toda a sentença é o foco, ou seja, sentenças que não apresentam pressuposição. Um bom contexto para exemplificar esse tipo de estrutura informacional é o seguinte:

- (57) a. O que aconteceu?
 b. A Maria bebeu todo o vinho.

O tipo de foco veiculado por uma sentença como (57b) é denominado foco largo. Esse tipo de construção pode ser proferido como uma sentença neutra, no sentido de não possuir uma estruturação designada para a focalização, marcação prosódica ou elementos focalizadores. Entretanto, é possível que, assim como nas clivadas, a cópula e o complementizador sejam empregadas em função da interpretação da focalização:

- (58) a. O que aconteceu?
 b. É que a Maria bebeu todo o vinho.

Sentenças como (58b) foram denominadas, por Casteleiro (1979), *Clivadas Apresentativas*. Como vimos anteriormente, Ambar (2005) e Kato (2009) estabelecem um paralelo entre essas estruturas e as clivadas *é que*. Retomando o que já foi mencionado em Kato (2009), é proposto que as clivadas *é que* são derivadas a partir de clivadas apresentativas, através do movimento do foco para a posição anterior a *é que*, na periferia esquerda da sentença. Já Ambar (2005), defende que os dois tipos de sentença possuem a mesma estrutura de base, sendo que, no caso das clivadas de foco largo, *é que* se move para FP e, nas clivadas com foco estreito, *é que* permanece em vP e o foco se desloca para FP.

Embora as análises de Kato e Ambar apresentem divergências na estrutura de base e nas operações realizadas pelo foco e pela cópula e o complementizador, as propostas são convergentes no sentido de postular que estamos diante do mesmo *é que* em ambos os tipos de sentença. Entretanto, não defenderemos neste estudo, indo contra as análises dessas autoras, que as clivadas *é que* e as clivadas apresentativas estejam relacionadas. Acreditamos que, na verdade, o *é que* das apresentativas não é o mesmo item funcional do das clivadas de foco estreito.

A primeira evidência estaria relacionada ao próprio estatuto do foco, ou seja, o fato de *é que*, nas clivadas apresentativas, operar em favor da interpretação de foco largo, enquanto, nas clivadas *é que*, ele opera para a interpretação de foco estreito. Já no que diz respeito à propriedade semântico-pragmática do foco, nas clivadas apresentativas, ele é do tipo informacional, veiculando mera informação nova, sem expressar contraste, enquanto o foco das clivadas *é que* comumente possui a interpretação contrastiva.

As clivadas apresentativas, embora sejam sentenças matrizes, são subordinadas a um contexto prévio, ou seja, uma sentença iniciada por *é que* não é bem aceita em um contexto *out of the blue*. Assim, uma possibilidade que levantamos neste estudo seria que *é que*, nessas estruturas, é um elemento não segmentável que ocupa a posição de Force, considerando sua subordinação ao discurso.

A primeira evidência para isso é a impossibilidade de ocorrência dessa sequência dentro de uma subordinada, onde Force já está preenchido:

- (59) a. * O João disse que *é que* a Maria bebeu todo o vinho.
 b. * O João perguntou se *é que* a Maria bebeu todo o vinho.

A mesma restrição não é observada nas clivadas de foco estreito, nas quais, de acordo com nossa proposta, *é que* não está em Force, deixando essa posição livre para ser ocupada pelo complementizador.

- (60) a. O João disse que A MARIA *é que* bebeu todo o vinho.
 b. O João perguntou se A MARIA *é que* bebeu todo o vinho.

A hipótese de *é que* em Force nas clivadas apresentativas também converge com a estrutura de periferia esquerda que estamos assumindo neste estudo. A estrutura que propomos aceita outros elementos na periferia esquerda, como tópico e foco, sendo que o *é que* apresentativo figura sempre à esquerda desses elementos:

(61) É que, na festa, A MARIA é que bebeu todo o vinho (e não a Joana).

Estruturalmente, teríamos a seguinte configuração para (61), considerando a proposta de estrutura para clivadas *é que*, nas quais a cópula e o complementizador ocupam Foc°:

(62) [_{ForceP} [_{Force} É que [_{TopP} na festa [_{FocP} A MARIA_i [_{Foc} é que [_{TopP} [_{FinP} [_{IP} t_i bebeu todo o vinho]]]]]]]]]]]]]]

Considerando também que Force é a projeção que abre a periferia esquerda da sentença, nossa hipótese converge com o fato de não ser possível que *é que* seja precedido por qualquer constituinte. Além disso, tomando como propriedade de Force determinar o tipo de sentença que seguirá, a presença de *é que* implica que a construção seja sempre declarativa, excluindo-se o contexto de pergunta eco.

6. Algumas notas sobre clivadas de foco inicial com convergências formais no PB

Embora possamos afirmar que, canonicamente, o paradigma de concordância das estruturas de clivagem aponte para a invariabilidade da cópula em clivadas *é que*, o português brasileiro apresenta de maneira mais restrita as seguintes possibilidades:

- (63) a. A Maria foi que comeu a maçã.
b. A Maria era que gostava de maçã.

Os exemplos em (63) podem ser considerados gramaticais mesmo apresentando cópula flexionada. Entretanto, salientamos duas restrições a essa flexão: a) nem todos os tempos verbais são aceitos para a cópula dessas estruturas (64a) e b) a flexão da cópula é licenciada apenas no âmbito temporal, sendo que clivadas de foco inicial com flexão diferente de terceira pessoa do singular são agramaticais (64b):

- (64) a. *A Maria será que comerá a maçã.
b. *Eu sou que gosto de maçã.

De acordo com Vercauteren (2010), dados do Português Europeu não *standard* também apresentam casos como (63), que a autora denomina como clivadas *SER que*. Para dar conta das ocorrências com flexão, a autora defende que tais estruturas apresentam o verbo *ser* pleno, que projeta um domínio flexional independente. Tais sentenças seriam derivadas das clivadas canônicas, a partir do movimento do foco, num processo convergente à análise de Modesto (2001) para as clivadas “invertidas”.

Embora o PB apresente a mesma variação do dialeto não *standard* do PE, alguns dados do PB não são contemplados pela análise referida acima. Primeiramente, mesmo flexionada, a cópula das clivadas de foco inicial, assim como nas construções de cópula invariável, ainda não pode ser negada, o que sugere que ela também não seria um verbo:

(65) *A Maria não foi que comeu a maçã.

Além disso, se clivadas de cópula flexionada derivassem de clivadas canônicas, as primeiras deveriam aceitar os mesmos padrões de concordância das segundas:

(66) a. Será a Maria que fará o almoço.
b. *A Maria será que fará o almoço.

(67) a. Fui eu que comi a maçã.
b. *Eu fui que comi a maçã.

Enquanto as clivadas canônicas aceitam os mais variados tipos de tempos verbais, as clivadas de foco inicial parecem aceitar apenas os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo. Além disso, a cópula das clivadas canônicas parecem ser fortemente relacionadas a *Agree*, enquanto a das de foco inicial não é capaz de estabelecer concordância:

(68) a. Fui eu que bebi o vinho que estava aqui.
b. Foste tu que bebeste o vinho que estava aqui.
c. Fomos nós que bebemos o vinho que estava aqui.
d. Foram eles que beberam o vinho que estava aqui

(69) a. *Eu fui que bebi o vinho que estava aqui.
b. *Tu foste que bebeste o vinho que estava aqui.
c. *Nós fomos que bebemos o vinho que estava aqui.
d. *Eles foram que beberam o vinho que estava aqui.

Outro ponto é que as clivadas canônicas podem apresentar um elemento interveniente pós-cópula e antes de *que*, o que não ocorre tanto nas clivadas *é que* de cópula invariável, quanto nas de cópula flexionada no passado. O mesmo problema de paralelismo que apresentamos com relação à análise de Modesto (2001) ocorre com as clivadas de foco inicial e cópula flexionada:

(70) a. Foi realmente a Maria que bebeu todo o vinho que estava aqui.
b. *A Maria foi realmente que bebeu todo o vinho que estava aqui.

O que se observa com esses três apontamentos é que, nos dois padrões, a cópula parece não apresentar as propriedades de verbo em PB. Por outro lado, não estaríamos diante da mesma cópula

das clivadas *é que*. O exemplo citado por Miotto (2001) para o PB nos leva a pensar que a cópula das clivadas *SER que* é mais baixa:

- (71) a. Onde que foi que a Maria encontrou o João?
b. Aqui que foi que a Maria encontrou o João.

O dado apresentado por Miotto mostra que a cópula flexionada não apresenta adjacência com o foco, pois pode ser interpolada pelo *que*, o que não ocorre com as clivadas de cópula invariável:

- (72) *Aqui que é que a Maria encontrou o João.

Salientamos que Vercauteren mostra a possibilidade de *é que* e *SER que* figurarem na mesma sentença, desde que a forma invariável preceda a flexionada. Entretanto, em PB, isso parece ser mais bem aceito no caso das interrogativas e não nas clivadas, o que pode sinalizar que interrogativas e clivadas *é que* configuram estruturas distintas (exemplos meus):

- (73) a. Onde é que foi que você morou em 2023?
b. *Em São Paulo é que foi que eu morei em 2023.

Outro ponto de divergência entre *SER que* e *é que* estaria no estatuto informacional da sentença. Aparentemente, não seria inapropriado utilizar uma clivada *SER que* para veicular foco de informação:

- (74) Lá foi que eu encontrei o João pela primeira vez.

Temos evidências para postularmos que a cópula das clivadas *SER que* não é um verbo e que essas estruturas não derivam de clivadas canônicas, mas também não podemos analisá-las juntamente com as clivadas *é que*, uma vez que há indícios de que a cópula *SER que* está em uma posição mais baixa na estrutura.

7. Considerações finais

Com base no Programa Cartográfico, especialmente com as propostas que se ocuparam com a periferia esquerda das sentenças matrizes, sugerimos uma representação estrutural para as clivadas de foco inicial, que aqui chamamos de “clivadas *é que*”. Considerando que a periferia esquerda da sentença é o local destinado a elementos discursivos e, no caso do foco, à informação contrastiva, assumimos que essa é a projeção mais desejável para alojar o foco desse tipo de clivada.

Assim, propomos que o constituinte focalizado ocupa o especificador de FocP dentro de CP, enquanto *é que* funciona como operador no núcleo da projeção, que faz com que o foco se mova para seu Spec na sintaxe visível. Nessa representação a cópula é um item funcional que não projeta uma camada argumental. Com isso, concebemos tais estruturas como sentenças focalizadoras mono-oracionais.

Referências

- ABOH, E. O. *The Morphosyntax of Complement-Head Sequence*. Clause Structure and Word Order Patterns in Kwa. New York: Oxford University Press, 2004.
- AMBAR, M. Clefts and tense asymmetries. In: DI SCIULLO A. M. (ed.). *UG and External Systems. Language, brain and computation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. pp. 95-127.
- CARVALHO, K. Entrevista com a personal organizer e blogueira: Alice Santos. *Kalinka Carvalho*, 2017. Disponível em: <http://www.kalinkacarvalho.com.br/blog/tags/Alice%20Santos> . Acesso em: out. 2023.
- CARVALHO, M. C. EUA investigam Universal por remessas de R\$ 420 mi. *Folha de S. Paulo*, 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2408201023.htm>. Acesso em: out. 2023.
- CASTELEIRO, J. M. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com É QUE. *Boletim de Filologia*. Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, tomo XXV, pp. 97-166, 1979.
- CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.
- CINQUE, G. *Types of A Dependencies*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. pp. 51-65.
- COSTA, J.; LOBO, M. Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não standard. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa: Ideia, 2009. v. 2, pp. 3800-3806.
- DOMINGOS e Santos têm tudo para renovar. *O Globo*, 2008. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/domingos-santos-tem-tudo-para-renovar-3801225> . Acesso em: out. 2023.
- FRASCARELLI, M.; HINTERHÖLZL, R. Types of Topics in German and Italian. In: SCHWABE, K; WINKER, S (ed.). *On Information Structure, Meaning and Form - Generalizations across Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. pp. 87-116.
- KATO, M. A. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no português brasileiro. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, pp. 375-385, jan./abr., 2009.
- KAYNE, R. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005.
- KRUG DE ASSIS, C. A. *Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no PB*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem em português: movimento vs geração na base. In: OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. (org.). *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2006. pp. 457-473.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, pp. 97-139, jul./dez. 2001.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. pp. 281-337.

RIZZI, L. On the Position „Int(errogative)“ in the Left Periphery of the Clause. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). *Current Studies in Italian Syntax: Essays Offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 2001. pp. 267-296.

RIZZI, L. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, A. (ed.). *Structures and Beyond*. New York: Oxford University Press, 2004. pp. 223-251.

RIZZI, L. Focus, Topic and the Cartography of the Left Periphery. In: LURAGHI, S; PARODI, C. (eds.). *The Bloomsbury Companion to Syntax*. London: Bloomsbury Publishing, 2013. pp. 436-451.

RIZZI, L.; BOCCI, G. Left Periphery of the Clause - Primarily Illustrated for Italian. In: EVERAERT, M.; RIEMSDIJK, H. (eds.). *The Blackwell Companion for Syntax*. Oxford: Blackwell, 2017. pp. 1-30.

SILVEIRA, D. M. *Foco e Cartografia: Aspectos Formais das Estruturas Clivadas do Português Brasileiro*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVEIRA, D. M. Clivadas Canônicas e Invertidas no Português Brasileiro: Aproximações e Assimetrias. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 12, n. 2, pp. 552-566, 2021.

TESCARI NETO, A. Verb raising, the impoverishment of the verbal paradigm and the weakening of tense in BP. *Revista do GEL*, v. 13, pp. 75-106, 2016.

TWITTER, 2017. Disponível em: <https://twitter.com/CavalinhoDoCEC/status/942025276057415680>. Acesso em: out. 2023.

VERCAUTEREN, A. *Como é que é com o é que?* Análise de Estruturas com *é que* em Variedades não Standard do Português Europeu. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.